

**Área temática: Filosofia, Cristianismo e Expressões Artísticas**

**Título da Comunicação: O Barroco brasileiro: texto móvel em contínua transformação**

**Autora:** Isabel Orestes Silveira (Doutoranda do Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP - Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP- Universidade Estadual Paulista/S.P, Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Faculdade Fapcom – Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia

## **O Barroco brasileiro: texto móvel em contínua transformação**

*Isabel Orestes Silveira*

### **Introdução**

Muitos teóricos discutem acerca da origem da palavra Barroco e quando tentamos defini-la encontramos algumas divergências quanto à tradução do termo. A expressão mais aceita é de que a palavra Barroco tenha sua origem no vocabulário espanhol *barrueco*, vindo do português arcaico e usado pelos joalheiros desde o século XVI para designar um tipo de “pérola irregular” e de formação defeituosa. Alguns historiadores apontam como o início da arte Barroca nos finais do século XVI, partindo da arte religiosa da Contra-Reforma. Outros teóricos datam seu avanço até meados do século XVIII. No entanto, a concordância entre os historiadores se dá na definição de sua estética, expresso no movimento com tendências ao bizarro, ao assimétrico, ao extravagante, ao apelo emocional, cuja expressão se fortaleceu após o Renascimento.

O Barroco pode então ser entendido como um estilo artístico que ganhou várias formas de arte na América Latina e na Europa Ocidental, da metade do século XVI ao final do século XVII. Foi considerado um desvio do pensamento clássico, pois oferecia risco a toda harmonia, a clareza, ao equilíbrio e a linearidade dos contornos, propostos pelo Renascimento. A arte Barroca destaca a mentalidade da Contra-reforma, apregoando os valores espirituais da Idade Média. O Barroco nasce de uma reação conservadora contra a ascensão burguesa que se verificara durante a Renascença. Nos países católicos, a reação foi promovida pelo Concílio de Trento. ARGAN (1992:30) confirma tal argumento ao afirmar: “[...] a exuberância visual e a fenomenização universal do Barroco estão certamente

relacionadas com a reavaliação contra-reformista da manifestação sensível das verdades da fé”. ETZEL (1974: 28) vem ao encontro destas premissas ao destacar o estilo Barroco presente no Brasil alegando: “o Barroco, na sua expressão religiosa, tem o característico geral de uma aspiração ao infinito. É suntuoso, porque assim exalta a glória de Deus; é redundante, porque reforça a expressão dessa glória; é cheio de formas esvoaçantes, que exprimem a espiritualização da fé”.

O Barroco de modo geral se dirigia aos sentidos, e não à razão, pois mobilizava todos os recursos que pudessem agir sobre as mentalidades. É certo que “o Barroco já não representará então apenas um estilo artístico, mas uma sistematização de gosto que se reflita em todo um estilo de vida, um estilo, portanto global de cultura e de época (...)” (ÁVILA, 1994: 60).

O Barroco na América é responsável por uma visão de mundo, um estilo de vida plural que agrega elementos paradoxais gerados por uma multiplicação de significados que abarca o diferente, o estranho desprovido de uma essência única. O estilo Barroco apresenta-se então como uma ética de vida.

## **1- A expressão Barroca brasileira**

A América Latina, logo de partida, foi terra de violências, de opressão, de furtos, de saques e de extermínio por parte dos colonizadores. A exploração usurpou o direito, o avanço e o desenvolvimento, impondo um autoritarismo de fora para dentro que até hoje limita e faz germinar e crescer no povo um sentimento forte de dependência da cultura européia. No dizer de PINHEIRO (2008), “a América Latina tem por um lado esse turbilhão barroco mestiço, de outro ela sofreu três invasões muito problemáticas e que são invasões que até agora atuam na cabeça do brasileiro e do latino-americano”.

Sofreu uma invasão clássica, aquela formulada pelas ciências clássicas; sofreu uma invasão clerical-eclesiástica, que tem que ver com formas de ensino e conhecimento elaboradas na Idade Média pelo mundo católico; e desde o começo de 1900 sofreu essa nova invasão tecno-capitalista ou publicitário-capitalista. Essas três invasões combinadas - algumas pessoas estão mais próximas de uma ou de outra - tornam, às vezes, difícil da gente conseguir ver o que é o Brasil e a América Latina ou aproveitando-se e devorando isso também. Às vezes, elas são transformadas, assimiladas. Outras são postizas. PINHEIRO (2008)

O que PINHEIRO (2008) evidencia é o fato de que no Brasil, a constante convivência entre povos distintos gerou um fenômeno múltiplo, plural e sincrético no sentido mais

alargado do termo. Em linhas gerais, isso teve início com a invasão dos povos europeus, no século XVI, com a população indígena local, como também com os africanos, trazidos como escravos a partir do século XVII, e posteriormente no século XIX até a metade do século XX, com a forte entrada de imigrantes no país, intensificando assim o caráter plural da sociedade brasileira. Segundo DARCY RIBEIRO (1995, p.179) a configuração cultural do Brasil formou-se “destribalizando os índios, desafricanizando os negros e deseuropeizando os brancos”.

O país então, se faz, sendo mestiço, a partir da complexidade e da multiplicidade de características que são resultado da convivência, num mesmo espaço, de culturas e etnias tão distintas. PINHEIRO (1991, p.28) vem ao encontro desse pensamento ao afirmar: “nada mais autoritário, como forma de conhecimento, do que a idéia, eurocêntrica de que haja uma origem perdurável, invariante, superior ao que se mescla e traduz. Não há nada “branco” ou “negro” no Brasil, mas uma tessitura, um texto móvel em contínua transformação, esperando outras misturas”.

O Brasil não tem, por isso, uma unidade que o caracterize. Esse aspecto pode causar repúdio para os que procuram legitimar uma identidade brasileira. Nas palavras de PINHEIRO (2008) “a questão é a seguinte: a palavra identidade não serve mais para o que nós somos, porque não somos um ser em estado puro, nós não cabemos dentro da ontologia ocidental, já que somos um território móvel, que acumula elementos vindos de diversas partes”. O argumento de PINHEIRO (2008) encontra eco nas afirmações feitas por GRUZINSKI (2001, p.54) que já interrogava acerca da “noção de identidade” e segundo o autor essa noção: “atribui a cada criatura ou a cada grupo humano características e aspirações igualmente determinadas, supostamente fundadas num substrato cultural estável ou invariante” e prossegue: “essa definição pode tanto vir dos interessados como de um reflexo condicionado do observador e reduzir-se na linguagem corrente a uma etiquetagem sumária que logo vira caricatura”.

O modo de pensar clássico, que perpetua os princípios unitários e totalizantes, não aceita a oposição, as ambigüidades e ambivalências. Ao contrário, é ávido pela essência, pela pureza, pela identificação do igual, por isso exclui o diferente, rejeita o provisório, o efêmero, o superficial e nesse caso exclui o Brasil, cenário fluído e dinâmico de natureza tropical, de palmas, frutas e praias, cujo povo é conhecido e feito de atividades criativas, como: festas, músicas, danças, esportes, literaturas, espetáculos, riqueza culinária, religiões, pesquisas científicas e outras tantas gamas de caracteres.

Os modelos preestabelecidos de pensamento dos países centrais mais industrializados disseminam modos de comportamento, modos de consumo e se impõe como modelos de excelência a serem seguidos em todas as esferas sociais. O pensamento europeu opõe-se ao contexto Barroco brasileiro com seus excessos, estranhezas, exuberâncias e desmesuras. São avessas as ingenuidades, as utopias, o riso, o erótico, o tolerante, a cultura popular, as dramaticidades das paisagens e toda efervescência e contradição implícita no texto da cultura brasileira. Segundo GRUZINSKI (2001, p.61) “é a presença do aleatório e da incerteza que confere às mestiçagens seu caráter impalpável e paralisa nossos esforços de compreensão”. Toda indeterminação, toda a imprevisibilidade, toda essa multiplicidade criativa cujo ambiente trasborda energia, foi ou ainda é, incompreendido e visto pelos racionalistas europeus como efeito de atrasos nos processos das transformações industriais brasileiras.

## **2 – A reação contra a absorção das idéias estrangeiras**

Em diferentes manifestações artísticas brasileiras como na arquitetura, nas artes plásticas, na música e na literatura para citarmos alguns exemplos, pode-se perceber a força plural e livre do pensamento que se opõe a contaminação estrangeira, imposta de cima para baixo e tradicional. Personagens como: Aleijadinho, Lúcio Costa, Niemayer e os expoentes da Semana de Arte Moderna, refletiram a diversidade estética, icônica e simbólica do pluralismo brasileiro. Estes e tantos outros conseguiram trabalhar com e sobre o que já vinha de diferentes partes, modificando-lhe os signos, a estética, a expressividade, o sentido, a interpretação; anexando sabores e sentidos àqueles já existentes.

Destacamos a figura de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814), arquiteto e escultor que definiu uma estética para o traço Barroco, tendo como premissa a plasticidade que se dá pela variabilidade dos elementos, dos pontos de vista, das cores fortes, das modulações, dos relevos, das montagens e desmontagem de materiais que se dobram e desdobram em re-entranças e em curvas que seqüestram o olhar pela exuberância das formas. A temática religiosa desenvolvida por ele se faz manifesta com inúmeras possibilidades expressivas; convoca o fragmento, o exótico e suporta a dispersão e todas as combinações possíveis. Ainda hoje, somos convidados a nos apropriarmos do Barroco como estratégia de pensamento.

Não podemos deixar de citar outros dois grandes nomes: Lúcio Costa (1902-1998), que foi um estudioso do Barroco nacional e pesquisou as construções feitas das matérias

primas como: madeira de jacarandá e em pedra-sabão; presentes nas arquiteturas da Bahia, no Rio de Janeiro, em Goiás e Minas Gerais; e Oscar Niemayer (1907), também arquiteto brasileiro, considerado um dos nomes influentes na Arquitetura Moderna internacional. Niemayer se apropriou e se alimentou do Barroco e renovou a exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado, dando expressividade aos elementos da cultura brasileira em seus projetos arquitetônicos. Prova disso foi o registro feito por BOTTEY (Apud GUSTAVO GILI, 1996, p.12) por ocasião da exclamação e espanto de Le Corbusier (1887-1965) ao admirar uma de suas obras: “Oscar, você traz sempre nos seus olhos as montanhas do Rio. Com o concreto armado você constrói o novo Barroco”.

Ao escrever o poema das linhas curvas, NIEMAYER (2000, p. 03) registra sua preferência pelo Barroco e diz: “não é o ângulo reto que me atrai e nem a linha rígida-dura e inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, as curvas que encontro nas montanhas do meu país, na sinuosidade dos nossos rios, nos corpos das nossas belas mulheres. O universo inteiro é feito de curvas, e curva é o universo de Einstein”.

Além dos personagens citados, gostaríamos de destacar a relevância que a Semana de 1922 teve para a história do país. De acordo com DARCY RIBEIRO (1995, p.404), o movimento que deu origem “A Semana de Arte moderna de São Paulo” (1922), foi uma reação à invasão da cidade pelos imigrantes europeus, cujo comportamento correspondia a uma forte europeização na mentalidade e dos hábitos locais. A semana de 1922 denunciava através das contribuições da arte e da literatura a questão da imitação aos padrões europeus. Através das publicações e manifestos, os artistas digeriram e decodificam a cultura européia, reelaborando o que veio de fora e apontavam para a originalidade nativa, fundamental para a criação artística. A obra *O abapuru* (em língua tupi-guarani, *aba*: “o homem”; *poru*: “que come”) de 1928 de Tarsila do Amaral (1886-1973) deu origem ao manifesto Antropofágico (1928) de Oswald de Andrade (1890-1954) que já havia antes escrito O manifesto Pau Brasil em 1924, propondo a antropofagia das demais culturas existentes, adequando à cultura local às correntes artísticas européias.

Outras vozes de protesto surgiram contra o pensamento ocidental e se opuseram a transferência de um modelo produtivo capitalista, dentre esses destacamos alguns: Edgar Morin (1921), Octavio Paz (1914-1998), Vargas Llosa (1933), Darcy Ribeiro (1922- 1997), Eduardo Galeano (1940), Jorge Amado (1912- 2001). Na área da música, podemos destacar o encontro do jazz americano com o samba brasileiro que faz surgir a Bossa Nova. E assim, cada um ao seu modo soube traduzir as sociedades sincréticas, mestiças, contaminadas em estado contínuo de transição, fluída e provisória.

Foram vozes, manifestos, ritmos e mãos que souberam desenhar nossa cultura Barroca e mestiça. Por vezes provocaram certo deboche, diante da contaminação generalizante. Parafrazeando Oswald de Andrade, com certo “amor e humor”, retrataram em diferentes linguagens nossa elástica, frágil, desarticulada, controversa, dinâmica e conflitante sociedade que se encontra ainda hoje recheadas de contrastes e fragilidades.

### **3 – Religião, Secularização e o Barroco**

A partir da discussão apontada até aqui, torna-se possível estabelecermos uma interface entre a cultura brasileira, que na sua formação abarca uma atmosfera heterogênea favorecida pela miscigenação com o processo dinâmico de secularização crescente na nossa sociedade apontada por teóricos como PORTELLA (2006) e PIERUCCI (2004). Ambos reforçam a ênfase na individualidade e na racionalidade como forma de pensamento secular, inclusive no aspecto religioso. Tais autores concordam que as normas ditadas e regidas por instituições religiosas perderam o poder de dar sentido e de regular o universo cultural, social e pessoal dos sujeitos. “Assim, a religião não termina com a secularização, mas ganha novas formas e contornos, novos sabores, numa dinâmica em que, ao mesmo tempo em que se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde (HERVIEU-LÉGER: 1993, p. 36, apud PORTELLA, 2006, p.73).

Dada a constatação de que cada vez mais a religião (entendida como construção de sentido) não depende da regulação das instituições dantes detentoras do poder de nomizar a vida da sociedade e do indivíduo, prefiro a tese de que a religião, por efeito desta secularização - mas, de certa forma, mesmo antes dela - atravessa os tecidos sociais e vivenciais vários (embora sobre ele não mais influa decisivamente). (PORTELLA, 2006, p. 75)

Neste lastro de compreensão destacamos que o processo de secularização que diminui a força do poder de hegemonia religiosa e exclui as ortodoxias tradicionais, favorece a independência do pensamento e das atitudes de livre escolha centrada no indivíduo autônomo. “A estrutura do crer, da religião, diria, não é mais exclusividade de tradições religiosas convencionais, mas é operacionalizada por indivíduos, estruturas e tradições várias que há (HERVIEU-LÉGER,1993, p. 58-59, apud PORTELLA, p.76). O crer está disseminado em pequenas estruturas do crer. A religião continua a existir também fora da “Igreja”, disseminada de forma subjetiva, fragmentada e fluída”. Percebemos, então, que a

experiência religiosa caminha na lógica da instabilidade, gerida pela busca emocional, performática, simbólica e carismática.

Este contexto secularizado, apontado pela modernidade ou pós-modernidade que evidencia o sentimento de liberdade de escolhas autônomas, diante de um mundo fragmentado ou feito em mosaicos, já estava sendo tecida neste continente a partir do processo civilizatório. “Aqui, dado o caráter súbito e excessivo das combinações e contaminações entre códigos, séries e linguagens, [...] o encaixe de elementos e materiais díspares e diversos, barrocamente em dobra-e-curva-e-redobra, desde a culinária até os grandes espaços urbanos, [...] expõe, nessa mescla radical, a inconsistência mal intencionada das generalizações usadas para descrever processos civilizatórios de partida não-clássicos, portanto não preferencialmente binários” (PINHEIRO, 2007, p. 70).

PINHEIRO (2007, p.71) aponta para o risco ou mesmo para o equívoco de considerar os pressupostos acerca da secularização, como aspectos característicos da modernidade e da pós-modernidade, pois tais conceitos já estavam sendo gerados na cultura brasileira na sua formação, logo de partida, “em virtude da aceleração dos dispositivos plurais que intensificam a incorporação material do pensamento alheio”, propiciando assim uma “mobilidade de mosaicos em trânsito”.

Se levarmos em conta os “processos civilizatórios de partida não-clássicos, portanto não preferencialmente binários” (PINHEIRO, 2007, p.70), poderemos entender ao menos em parte, que o Barroco se atualiza na sociedade e se visibiliza nos aspectos éticos na nossa cultura cotidiana, marcada pela “noções de fragmento, simultaneidade, brevidade, instabilidade, tão caras à modernidade”, e ao secularismo.

### **Considerações finais**

Nossa intenção foi a de apontar para o pensamento Barroco que legitima na cultura brasileira um caminho complexo na prática social e por isso não possui uma configuração definida. A partir de uma análise do homem com o mundo caminhamos no sentido de entender a cultura dos dias de hoje, marcadamente secularizada e que vem sendo denominado de pós-modernidade, todavia destacamos que desde o início do processo civilizatório, o país nasce plural e misturado com pensamentos vários.

Obviamente outros aspectos da cultura poderiam ser apontados nessa reflexão, todavia interessou-nos a expansão do diálogo sobre aculturação mestiça expresso na religião, no

comportamento, no uso e costumes do povo brasileiro que sinalizam para as características plurais e mestiças, da própria cultura.

Portanto, nosso diálogo sobre o Barroco não se esgota e não se fecha, ao contrário, abre-se, projeta-se, desdobra-se para que possam ser retomados em novos e criativos sentidos, em outros saberes e contágios.

### **Referências Bibliográficas**

**ARGAN**, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

**ÁVILA**, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco - vol. I*. 3. ed. ampliada. São Paulo: Perspectiva, 1994

**BOTEY**, Josep Ma. *Oscar Niemeyer: obras y projectos*. In: Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

**ETZEL**, Eduardo. *O Barroco no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

**GRUZINSKI**. Serge. O pensamento mestiço, São Paulo: Companhia das Letras, 2001. In, **PINHEIRO**, Amálio. *Por entre Mídias e Artes, a Cultura ( pag.67 a74)*. Humus 2, **NORA**, Sigrid (Org). Caxias do Sul. – RS – Rumos Itaú Cultural, 2007.

**HERVIEU-LÉGER**, Danièle. **La religion pour memoire**. Paris : Cerf, 1993, 36) In: **PORTELLA**, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização. Rever, Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2006 / pp. 71-87 **ISSN 1677-1222**.

**NIEMEYER**, Oscar. *The curve of time: the memoirs of Oscar Niemeyer*. London: Phaidon, 2000.

**PIERUCCI**, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo (p.13 a 21). In **SOUZA**, Beatriz Muniz de e **MARTINHO**, Luís Mauro Sá (Orgs.). Sociologia da Religiao e Mudança Social: católicos, protestantes e novos moviementos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

**PINHEIRO, Amálio.** *Mestiçagem latino-americana*. Entrevista para o Jornal do povo. (10/05/2008 16:57). Disponível em: <http://barroco-mestico.blogspot.com/2008/05/entrevista-do-amlio-para-o-jornal-o.html>. Acesso em: 01/06/2008.

\_\_\_\_\_ *Mídia e mestiçagem*. In: Amálio Pinheiro. (Org.). Comunicação & Cultura. 1ª ed. Campo Grande- MS: UNIDERP, 2007, v. 01, p. 17-31

\_\_\_\_\_ *Por entre Mídias e Artes, a Cultura ( pag.67 a74)*. Humus 2, NORA, Sigrid (Org). Caxias do Sul. – RS – Rumos Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_ *“Paráiso”: Paisagem, Ciencia, Erotismo*. Primer Coloquio Internacional. Paradiso: treita añosde um mito. Museo Nacional de Bellas Artes, Habana, Cuba, 26-28 de jun.1991

**PORTELLA, Rodrigo.** Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização. Rever, Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2006 / pp. 71-87  
**ISSN 1677-1222.**

**RIBEIRO, Darcy.** *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

### **Resumo**

Apontamos para o fato de que os modelos de pensamento dos países centrais mais industrializados disseminam modos de comportamento e de consumo que se opõem ao contexto Barroco brasileiro com seus excessos, estranhezas e exuberâncias. São avessas às ingenuidades, as utopias, o riso, o erótico, o tolerante, a cultura popular, as dramaticidades das paisagens e toda efervescência e contradição implícita no texto da nossa cultura. Propomos uma reflexão acerca da presença Barroca no cenário brasileiro e sua contribuição para a compreensão dos variados aspectos que compõe a cultura, sendo possível detectarmos sutilezas do comportamento ético, religioso, estético (música, literatura, arquitetura, artes plásticas), que marcam e definem a sociedade brasileira nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Barroco; Cultura brasileira; Pensamento mestiço.

**Abstract:** Brazilian baroque: a mobile text in continuous transformation

It is pointed out here that the models of thought from the most industrialized countries spread the patterns of behavior and consumption that oppose to the context of Brazilian baroque with its excesses, exuberance and oddities. The ingenuity, the utopia, the laughter, the eroticism, the tolerance, the popular culture, the drama of landscape as well as all the effervescence and contradiction implied in the text of our culture are opposite. The proposal here is to reflect on the presence of the baroque in Brazilian scenario and its contribution to the understanding of several aspects that constitute the culture so that it is possible to detect the subtlety of ethical, religious and aesthetic behavior (music, literature, architecture, plastic arts) which marks and defines Brazilian society nowadays.

**Keywords:** Baroque, Brazilian culture